

**RUPTURA NERVOSA: REDEFININDO O PAPEL DAS MULHERES NO
*THRASH METAL***

**Danilo Lucio¹
Bruno Pedrosa Nogueira²**

RESUMO

Este artigo apresenta uma biografia da banda Nervosa, formada em Bragança, São Paulo, no início dos anos 2000, para evidenciar os espaços de disputa de gênero existentes no gênero thrash metal, tanto no Brasil, quanto fora. Para tanto, dialoga com autoras com Judith Butler, Pierre Bourdieu e outros notadamente do campo dos estudos da música, como Simon Frith e Franco Fabbri, apresenta uma investigação em recortes de sites especializados e realiza entrevista com integrantes, para trazer de principal contribuição um aumento do repertório de referências de pessoas, músicas, discos e eventos na história do heavy metal em um esforço de diminuir seu androcentrismo.

Palavras-chave: Thrash Metal, Nervosa, Gênero, Mulheres

**NERVOSA DISRUPTION: REDEFINING THE ROLE OF WOMEN IN
*THRASH METAL***

ABSTRACT

This article presents a biography of the band Nervosa, formed in Bragança, São Paulo, in the early 2000s, to highlight the spaces for gender dispute that exist in the thrash metal genre, both in Brazil and abroad. To this end, it dialogues with authors such as Judith Butler, Pierre Bourdieu and others, notably from the field of music studies, such as Simon Frith and Franco Fabbri, presents an investigation in excerpts from specialized websites and conducts interviews with members, to bring an increase in the main contribution. from the repertoire of references of people, songs, records and events in the history of heavy metal in an effort to diminish its androcentrism.

KEYWORD: Thrash Metal, Nervosa, Gender, Women

¹ Mestrando em música na UFPE. Pós graduado em Gestão e Produção Cultural, e graduado em Comunicação social com habilitação em Rádio e TV. Docente nos centros universitários Uniaeso e Unibra, além de lecionar no curso técnico de multimídia na Escola Técnica Estadual Porto Digital, em Recife. Pesquisador sobre música, heavy metal e produção audiovisual. Possui 22 anos de experiência profissional nas áreas áudio, produção fonográfica e cultural e Videomaker.

² Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA. Pós-doutorado em Comunicação Social pela UFPE. Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Música no Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

INTRODUÇÃO

O rock é, desde sua gênese, um gênero musical de ampla exposição midiática. Na década de 1950, suas delimitações de base foram apresentadas por nomes como Elvis Presley e Johnny Cash em programas de televisão. A revolução contracultural da década de 1960 e seus desdobramentos nos períodos seguintes também foram amplamente expostos por programas de rádio, videoclipes e revistas especializadas em falar especificamente deste tipo de música. Uma das consequências desse excesso se tornou sua constante necessidade de buscar elementos de diferenciação.

O *heavy metal* é fruto disso. O subgênero ganha notoriedade a partir da década de 1970 após o lançamento de músicas igualmente superexpostas na mídia de artistas como Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath.

Antes do Sabbath, “heavy” referia-se a mais um sentimento particular do que um estilo musical [...] O “metal” do heavy doou uma vitalidade de aço a essa luta, uma força temática inquebrável que garantia tensão, além de emoção desimpedida (CHRISTIE, 2010, p. 22).

Apesar de elementos sonoros bem demarcados, como o uso de guitarras elétricas distorcidas e a marcação acelerada de bateria, o *heavy metal* seguiu o mesmo caminho e, para acionar e tensionar disputas por espaços midiáticos, se tornou terreno para um grande número de outros subgêneros. Com isso, o *power metal*, *glam metal*, metal progressivo, metal industrial, *gothic metal* e *thrash metal*, entre tantos outros, tiveram uma dificuldade de se diferenciar em um principal aspecto: o protagonismo masculino na formação das bandas.

Envolto de muita testosterona, o *thrash metal* ganha dimensão midiática com bandas como Metallica, Megadeth, Anthrax e Slayer, que trazem em suas músicas “uma montanha-russa agitada e perigosa de notas duas oitavas abaixo, pesadas e velozes, em inigualáveis mudanças de tempo e com uma fúria descontrolada.” (CHRISTIE, 2010, p. 177). Além da estrutura musical, os clipes, capas de disco, cartazes de shows e o universo semiótico que constrói sentido em torno desses artistas reforça o que Bourdieu chama de uma “visão androcêntrica” (1998) de uma estrutura social.

Deste modo, a consagração artística neste subgênero musical parte de um pressuposto que reforça identidades masculinas heteronormativas e que reconhece uma capacidade técnica supostamente elevada nos homens para executar instrumentos musicais ou mesmo no esforço vocal. A presença de mulheres no *thrash metal* fica demarcada por uma prática de violência simbólica, onde durante décadas se reconhece e há concordância que o palco é um território exclusivamente masculino.

Neste artigo vamos investigar, a partir do perfil da banda Nervosa, formada exclusivamente por mulheres, como essa tensão entre feminino e masculino toma forma no *thrash metal* a partir dos anos 2000, período em que questões de gênero passaram a ser amplamente mais confrontadas no meio da música popular. Com isso, busca identificar quais percepções possíveis de feminino estão materializadas nas canções e na presença midiaticizada do grupo; em seus discursos em redes sociais e entrevistas e de que forma a disputa pela ocupação desses espaços dá novo sentido ao *thrash* que circula hoje em diferentes plataformas de escuta musical.

A partir de uma base teórica que trata dos gêneros musicais e identidades culturais, a pesquisa se dá a partir do mapeamento histórico de publicações em sites, revistas especializadas e entrevista com integrantes da banda Nervosa em busca do esforço de inserir o nome da banda na biografia fundamental do rock, *heavy* e *thrash metal* brasileiro. Também é feita uma análise de álbuns, faixas e parcerias que denotam que o papel da mulher nesses espaços assume um protagonismo poucas vezes evidente pelo recorte midiático.

Deste modo, visa contribuir com o compartilhamento de nomes, datas e eventos em que é possível cartografar um outro *thrash metal*, em que bandas formadas integralmente por mulheres não precisam repetir, mimetizar ou simplesmente se apropriar de códigos notados masculinos, como voz, postura e conteúdo das letras, para ocupar um lugar de destaque nos espaços de produção, circulação e consumo deste tipo de música.

OS PAPÉIS DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO DO HEAVY METAL

Podemos traçar a origem do *heavy metal* ainda na primeira fase do surgimento do rock. A banda britânica The Kinks, contemporânea dos Beatles e com uma formação exclusiva de homens, lançou em 1964 o compacto simples com a canção que mudaria completamente os rumos do rock, “You really got me”. Uma música incandescente e vibrante em que a introdução é tocada na guitarra, com uma sonoridade suja, diferente de tudo gravado até então. Este mesmo trecho introdutório é repetido durante toda a música, ou seja, um *riff* de guitarra, daqueles que grudam em seu córtex cerebral e nunca mais saem da cabeça.

A canção inspirou uma geração que, até o final da década de 1960, encontraria novas formas de distinção sonora.

Heavy metal era um termo militar do século XIX, usado para referir-se ao poder de fogo de uma arma e, na química, para designar recém-descobertos elementos de alta densidade molecular. Quando John Kay, compositor de “Born to be wild” do Stepenwolf, citava “Heavy Metal Thunder, em 1968, ele estava apenas se referindo ao barulho das motocicletas” (CHRISTIE, 2010, p. 23).

Christie (2010) e Leão (1997) definem o Black Sabbath como a primeira banda de *heavy metal*, a partir do disco de estreia lançado em uma sexta-feira, 13 de 1970. Com letras que abordam temáticas “como feitiçaria, castelos e demônios antigos” (LEÃO, 1997, p. 48). Logo o quarteto formado por Tony Iommi na guitarra, Geezer Butler no baixo, Bill Ward na bateria e Ozzy Osbourne nos vocais, rapidamente conquistaram uma legião de fãs em todo o mundo e até hoje são uma referência deste gênero musical. Neste período a mídia e a crítica musical adotou o termo *heavy metal* para categorizar este novo gênero musical, o jornalista e crítico musical da revista Rolling Stones Lester Bangs “um dos primeiros devotos letrados do Black Sabbath, posteriormente usou o termo para falar de música” (CHRISTIE, 2010, p. 23). O termo ideal para imprensa categorizar aquela sonoridade distorcida, pesada e cativante.

Após o Black Sabbath apresentar o *heavy metal* ao mundo, o gênero ganhou características distintas a partir do surgimento de outras bandas. O Judas Priest, também da Inglaterra, traz a inserção de duas guitarras, altas e repletas de distorção de K. K.

Downing e Glenn Tipton, o baixista Ian Hill, o baterista John Ellis, cargo que foi ocupado por diversos instrumentistas, mas com a voz forte, gritada, aguda e afinada de Rob Halford. Além de uma sonoridade pesada a banda adotou um visual repleto de roupas de couro preta, justas ao corpo e acessórios como braceletes e cinto pontiagudos, com um visual chocante e musicalmente com as duas guitarras que conversavam entre si, uma tocando a base da música e a segunda realizando solos e riffs icônicos no metal.

Outro nome que traz traços marcantes e característicos do gênero *heavy metal* é o trio londrino Motörhead, fundado pelo músico Lemmy Kilmister que cantava sobre “sexo e drogas, desviando de temas políticos e heróis mitológicos, atirando pedregulhos em vez de cantar (CHRISTIE, 2010, p.46). Até o fim de suas atividades, com a morte de Lemmy, a banda teve oito homens em sua formação, sempre como um trio: foram Larry Wallace, Lucas Fox, Phil Taylor, Fast Eddie Clark, Brian Robbo, Michael Burston, Pete Gill, Tommy Aldrige. Phill Campbell e Mikkey Dee.

A imprensa musical inglesa percebera uma nova sonoridade mais rápida e agressiva para com as novas bandas de metal britânicas, da década de 1980, de tal maneira que “o jornalista Geoff Barton do *Sounds* popularizou o termo “The New Wave of the British Heavy Metal” (CHRISTIE, 2010, p. 51), cuja abreviação é NWOBHM. Encabeçando este movimento a banda Iron Maiden levou essa temática do *heavy metal* para as referências macabras das histórias de terror. Em 1981, Bruce Dickinson assume os vocais da banda e lançam no ano seguinte o disco “The number of the beast”, foi um momento magistral e decisivo. “Depois do NWOBHM, aquele disco provou de fato que o Maiden seria uma força mundial”, diz Rob Ralford do Judas Priest. (CHRISTIE, 2010, p.64). O Iron Maiden conseguiu encaixar as distorções de duas guitarras, com um timbre de baixo único e forte de seu fundador, Steve Harris, com uma voz potente, gritada e afinada de Bruce Dickinson, trazendo um mito bíblico, como o número da besta, 666, uma receita eficaz rumo ao topo das paradas de sucesso de todo Reino Unido.

Brian Slagel, vendedor de uma loja de discos e DJ de Rádio é creditado por apresentar boa parte da parcela estadunidense desta história. Seu fanzine *New Heavy Metal Revenue* estampava nomes como o Metallica que “era mais rápido que qualquer outro, exceto o Motörhead, cuja influência poderia ser sentida nos ritmos galopantes e na trovoadada da bateria” (CHRISTIE, 2010, p. 120) e o quarteto Slayer, com sonoridade que buscava uma velocidade alucinante, formado por Kerry King, Tom Araya, Paul Bostaph e Gary Holt, além dos ex-integrantes Dave Lombardo, Jeff Hanneman e Jon Dette. O Metallica e o Slayer, juntos ao Megadeth e o Anthrax são consideradas as quatro grandes bandas norte-americanas de *thrash metal*.

O último ponto desta pedra fundamental para compreender do que se trata o *thrash metal* vem da Alemanha. A banda Destruction, formada por Marcel Schirmer, Mike Sifringer, Randy Black e Damir Eskic trouxe uma “força teutônica de invasão, adequada para a saturação total dos sistemas sonoros” (CHRISTIE, 2010, p. 181). As questões sociais, até então relegadas pelo heavy metal tradicional, retornam ao *Thrash metal* com o Destruction, assim como na musicalidade das bandas também alemãs Kreator e Sodom.

O *Thrash Metal* chega ao Brasil, também na década de 1980, durante o regime da ditadura militar e da forte censura, tanto em veículos de mídia tradicionais, quanto espaços para shows e apresentações culturais. O acesso a instrumentos musicais como guitarra e baixo eram extremamente complexo, do ponto de vista econômico. Apesar disso, o rock era uma das principais expressões em evidência, carregado pelo que passou a ser chamado de Brock com bandas como Legião Urbana e Titãs. Contexto que favoreceu a chegada de discos e revistas internacionais pelos jovens de classe média que conseguiam sair do país. Sem muito suporte e espaço em rádios e televisão, as lojas de disco tiveram um papel fundamental para dissipar este gênero no Brasil, conseqüentemente na criação de bandas autorais e espaços para shows. Três estados brasileiros podem ser considerados como um celeiro efervescente para o surgimento de uma cena metal brasileira, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1980, surge em Belo Horizonte a loja Cogumelo discos, o espaço logo virou ponto de encontro entre os jovens fãs de *heavy metal* da cidade. Inspirados nos discos de bandas norte-americanas e europeias vendidas na loja, naturalmente surgem novas bandas locais que faziam uma música pesada autoral. Assim a loja se transforma em Cogumelo Records, para promover a iniciante cena metal mineira. Neste período o Brasil enfrentava uma grave recessão financeira, e investir recursos financeiros, sem o aporte de uma grande gravadora em uma única banda iniciante de heavy metal, era muito arriscado financeiramente, além de caro. Em 1985 a Cogumelo Records lança o *Split* que “de um lado o disco *Século XX*, do *Overdose*; e do outro, o *Bestial Devastation* do *Sepultura*” (LEÃO, 1997, p. 200). Em 1986 a Cogumelo lançou a coletânea *Wafare noise* reunindo bandas como *Chakal*, *Sarcófago* e *Holocausto*. Diante de todas estas bandas, a Cogumelo Records em 1986 lançaram o disco “*Morbid Visions*” do *Sepultura*, com um aspecto satânico e uma sonoridade ainda crua em lapidação, mas já cantando em inglês, a banda “*Jogava seu thrash mortal de volta aos europeus enquanto mantinha sua identidade brasileira*” (CHRISTIE, 2010, p. 336). Os irmãos Max na guitarra e Iggor Cavalera na bateria, os amigos Paulo Xisto no baixo e Jairo Guedes na guitarra, gravaram este disco. Em 1987, o guitarrista paulistano Andreas Kisser, assume as guitarras da banda, no lugar de Jairo Guedes, essa formação consolidou o *Sepultura* como expoente do *thrash metal* brasileiro e a principal banda de rock brasileira mundo a fora.

Encontrar uma gravadora como a Cogumelo Records, disposta a investir em bandas novas de heavy metal, na primeira metade da década de 1980, era muito complicado. Em São Paulo, Luiz Calanca, abriu uma loja de discos, a *Baratos Afim*, em uma das grandes galerias do centro da cidade. Um ponto de encontro paulistano dos fãs e das novas bandas de *heavy metal* que surgem na cidade. Calanca, não dispunha de verba suficiente para lançar discos de todas as bandas da cidade. Em 1984 a loja também se transforma em um selo musical para lançar a coletânea em disco de vinil “*SP Metal I*” com quatro bandas paulistanas em que, cada uma gravou duas músicas. As bandas eram *Avengers*, *Centúrias*, *Vírus* e *Salário Mínimo*” (LEÃO, 1997, p.200). Com

a repercussão positiva da primeira coletânea, que rapidamente se esgotou, em 1985 a Baratos Afins lança a segunda coletânea “SP Metal II”, com as bandas Santuário, Abutre, Performances e o Korzus, no mesmo formato, com duas músicas de cada banda. Ambas as coletâneas todas as bandas apresentavam *heavy metal* autoral e cantavam em português.

Destacamos uma das faixas da banda Korzus intitulada “Guerreiros do metal”, logo tornou-se um hino em português, dos fãs de *heavy metal* brasileiros. Neste período a banda era formada por Silvio Golfetti na guitarra, Dick Siebert no baixo, Maurício Brian na bateria e Marcelo Pompeu nos vocais. Com a repercussão positiva da coletânea o Korzus lança em 1986 o disco “Ao Vivo” através do selo Devil. Após algumas mudanças de formação, nas décadas seguintes se solidificou na cena metal nacional e internacional.

Conforme Guilherme Lentz, “O movimento no Rio de Janeiro não era tão perceptível nem tão disseminado quanto em Belo Horizonte ou São Paulo” (2015, p.60). Apesar disso o Rio de Janeiro contribuiu com o surgimento da banda *Ness* com Roberto Moura na Bateria, Claudio "Cro-Magnon" Lopes no baixo e Carlos "Vândalo" Lopes na guitarra e voz. O Trio posteriormente alterou seu nome para “Dorsal Atlântica” e em 1984 realizaram uma parceria com a extinta banda *Metalmorphose* “resolveram transformar suas demos tapes em algo com maior alcance. O resultado foi a criação do disco *Ultimatum*, o primeiro disco carioca de metal [...] foi dividido igualmente pelas duas bandas” (LEÃO, 1997, p. 206). Logo, o Dorsal Atlântica se destaca na cena carioca e com letras que abordavam AIDS, inflação violência urbana e alcoolismo, apresentando aos jovens contextos sociais brasileiros. A banda é um dos expoentes do *heavy metal* carioca.

Na segunda parte da década de 1980, após Sepultura, Korzus e Dorsal Atlântica desbravarem a cena metal brasileira, juntamente com inúmeras outras bandas, em 1987 surge em Brasília a banda “Volkana”, formada por Mila Menezes no baixo, Karla Carneiro na guitarra, Débora Darwich na bateria e Marielle Loyola no vocal. As jovens garotas lançam em 1988 sua primeira demo tape intitulada “Thrash Flowers”, conforme

Marcos Anubis (2019,) “foi gravado no Zen Estúdios, em Brasília, e produzido pela própria banda no melhor estilo “faça você mesmo”. O lançamento desta *demo* naturalmente conduziu a banda para uma história inusitada para apresentar suas músicas para a gravadora Eldorado em São Paulo:

A gente mandou uma fita para o João Gordo e o Max e eles disseram ‘apareçam aqui que nós levamos vocês na gravadora’. Acho que eles não botavam fé que a gente ia e a gente foi! Quando eles nos viram na gravadora, chegamos lá às 8 da manhã, sem grana para nada, nem para voltar, eles devem ter pensado ‘as minas são doidas e vieram mesmo!’ Aí, eles apresentaram a Volkana para os diretores, que ouviram a demo, curtiram e disseram que queriam nos contratar. Eles não sabiam que só tínhamos três músicas (risos)”, relembra. (ANUBIS, 2019).

Em 1990 a Volkana lança o disco “First”, gravado no estúdio da gravadora Eldorado, produzido por Carlos Eduardo Miranda. Com o apoio de uma gravadora que na época apresentava em seu catálogo bandas como Sepultura, Ratos de Porão e Viper. Foi extremamente positivo para que uma banda, formada somente por mulheres desbravasse a cena metal brasileira, com uma sonoridade agressiva e crua, cantando em inglês e com uma temática voltada a contracultura. Podemos considerar a Volkana como a primeira banda de *heavy metal* exclusivamente com mulheres na formação. A queda do regime militar, surgimento de rádios rock e uma brilhante militância em prol do heavy metal, todas as bandas citadas são fundamentais para a história e consolidação do metal nacional.

A partir deste breve panorama é possível observar que biografar o *Thrash Metal*, resgatando suas origens no *heavy metal* e no próprio rock, é contar uma história permeada quase que exclusivamente por nomes de homens. Não apenas isso, as características que demarcam o gênero musical remetem a diversos signos de uma evidente masculinidade, na forma de cantar, no tema das letras, na forma de vestir e de se comportar. Regras comportamentais, sociais e semióticas são tão fundamentais quanto as sonoras para a compreensão de um gênero musical (FABBRI, 2017).

Deste modo, cabe investigar, também a partir de uma biografia própria, como uma banda formada exclusivamente por integrantes mulheres negocia esses códigos

para estabelecer um espaço de autenticidade no *Thrash Metal*. A presença feminina sempre foi evidente nos espaços de consumo, mas cresce em ritmo tão acelerado quanto a bateria típica deste gênero musical, em papéis de produção e protagonismo de eventos, cenas e demais espaços midiáticos. Para tanto, é apresentada uma entrevista com integrante da banda Nervosa, formada em São Paulo no ano de 2010.

RUPTURA NERVOSA: REDEFININDO O PAPEL DAS MULHERES NO THRASH METAL

Poucas bandas com mulheres na formação fizeram parte do início da história do *heavy metal*, o que contribuiu para este “imaginário exageradamente macho” (CHRISTIE, 2010, p. 131). No rock, é importante destacar o encontro em 1975 entre Lita Ford, Sandy West, Jackie Fox, Joan Jett e Cherrie Currie para formar a The Runaways. Com quatro discos lançados em quatro anos, a breve carreira da banda levou a apresentações nos Estados Unidos, Europa e Japão.

Durante o NWOBHM, em 1978, surge a Girlschool, uma banda formada por Kim McAuliffe na guitarra base e voz, Denise Dufort na bateria, Enid Williams no baixo e voz e Kelly Johnson na guitarra solo e voz. Mulheres musicistas performando Heavy Metal e com discos lançados pela mesma gravadora do Motörhead, com quem firmaram parcerias em shows e discos. “O álbum *Demolition* chegou ao Top 40 inglês” (LEÃO, 1997, p.124) elas fizeram três turnês mundiais na década de 1980. “Girlschool foi a única banda feminina do novo movimento metal” (LEÃO, 1997, p. 124) No Brasil a banda Volkana é uma referência para com o pioneirismo no que tange uma banda formada somente por mulheres no *thrash metal* brasileiro, vale salientar que a Volkana chegou a lançar dois discos nos anos de 1990 e 1994 pela gravadora Eldorado, que tinha no seu catálogo diversas bandas do gênero musical.

Bandas como Girlschool, The Runaways e Volkana quebraram o posicionamento social do protagonismo masculino na cena *heavy metal* e apontam para turbulência corpórea. A historicidade das principais bandas de *heavy* e *thrash metal* apontam que a maioria plena são formadas exclusivamente por homens, conforme a

concepção de Tom Leão (1997, p.175) “o heavy metal é talvez o reduto mais machista de todas as vertentes do rock.”. Portanto o fato de “ser mulher no universo do metal é fazer emergir o feminino, mas um feminino que se corporifica em meio à distorção e à autenticidade que a intensidade masculina do metal evoca.” (JANOTTI JR, 2014, p. 43).

Nas décadas posteriores ao surgimento do *thrash metal*, o gênero continua inspirando novas fãs fervorosas mundo afora e principalmente no Brasil. Uma dessas pessoas foi a jovem, nascida na cidade de Bragança Paulista no interior de São Paulo, chamada Priscila dos Santos Amaral, mais conhecida pelo seu nome artístico “Prika Amaral”. A música sempre fez parte da sua vida “O pai tocava violão clássico e viola caipira. E a mãe era apaixonada por música”. (ALVES, 2020). Aos 14 anos de idade, de maneira autodidata, inicia os estudos do violão. Devido suas bandas favoritas sempre apresentarem guitarras distorcidas, logo se interessou pelo instrumento e desde então dedica sua vida profissional como guitarrista.

Inspirando na maldade harmônica de Jeff Hennemann e Kerry King, do Slayer, autenticidade de Dimebag Darrell do Pantera, no feeling Alex Skolnick do Testament e nas palhetadas de Gary Holt do Exodus, Prika decidiu que o metal seria o seu caminho, mais especificamente o *thrash*. [...] “Mas é importante citar bandas como Sepultura, Metallica nos primeiros álbuns, Vader, Morbid Angel, Napalm Death, Cannibal Corpse, Destruction, Sodom, Kreator, etc...” Todas essas bandas foram muito importantes na minha formação como guitarrista (ALVES, 2020)

Apesar de não ter uma rotina diferente de uma cidade típica do interior brasileiro, Bragança Paulista já escrevia na época seu nome na trajetória do rock e gêneros próximos no país com bandas como Leptospirose, que inspiravam o surgimento de diversos novos grupos na região. Prika Amaral participou de algumas dessas bandas, se apresentando em alguns shows tanto em Bragança, quanto na capital, São Paulo. Entre os anos de 2009 e 2010, Prika era guitarrista da banda *Inner Voices*, mais tarde ocupando ainda a posição de baterista.

Na capital de São Paulo a baterista Fernanda Terra, com vasta experiência na cena underground, montou em 1998 a banda *Food4Life*, “influência do L7 queria uma banda de som próprio só de mulheres” (TERRA, 2020). Após passar por diversas

bandas de hard core e punk, a professora de bateria, uma musicista extremamente técnica em 2010 estava motivada a montar uma banda de metal somente com mulheres na formação e um amigo em comum enviou seus vídeos para Prika Amaral. Ambas gostaram dos trabalhos e em 2010 Fernanda Terra ingressou na banda *Inner Voices*. Porém, a banda ainda tinha dois integrantes homens na formação. Posteriormente ambas foram apresentadas a Fernanda Lira pelo baterista e também professor de bateria Amílcar Christófar, da banda *Torture Squad*.

Quando abri o e-mail da guitarrista Prika, ela falava que procurava alguém no baixo que pudesse acompanhá-la nos seus riffs com influência do Kill ‘Em All’ do Metallica! Não pensei duas vezes! Como já fazia backing vocals na minha antiga banda, comentei com elas que eu poderia fazer um teste cantando pra ver se eles gostavam, e acabou rolando! Foi incrível encontrar essas meninas. A gente vive falando que a gente, atualmente, é a banda com que todas sonhávamos! Cada uma vê na outra exatamente tudo o que sempre procurou em companheiras de banda e isso é maravilhoso! (LIRA, 2012)

Fernanda Lira começou a tocar baixo com 14 anos de idade e paralelamente à carreira na música underground, formou-se em jornalismo e contribui com a cena metal brasileira escrevendo resenhas e coberturas de shows de metal para a imprensa especializada, na revista *Rock Brigade* e no site *Whiplash*. Também era apresentadora do programa de rádio *Heavy Nation* veiculado na internet através do portal UOL. Fernanda Lira sempre foi uma admiradora das mulheres no *heavy metal*.

Sempre fui uma grande admiradora de bandas parcial ou totalmente integradas por garotas, como Warlock, Chastain, Acid, e principalmente Rock Goddess Girlschool. Decidi sempre me envolver com bandas com esse foco, porque hoje em dia, creio que é interessante fazer algo ‘diferente’ dentro do metal, para que a banda se destaque, além de, obviamente, música de qualidade que vem em primeiro lugar. Bandas com mulheres existem em menor quantidade do que bandas com homens, então esse acaba, ainda hoje, sendo um diferencial. Acho que toda banda tem algo que a torne particular, única em relação às outras, no nosso caso, talvez seja esse. Fico feliz de ver muitas outras bandas, algumas inclusive bem mais antigas que nós seguirem por esse caminho. Existem muitas mulheres apaixonadas por metal tanto quanto nós e é legal ver todo mundo expressando essa devoção montando sua própria banda. (LIRA, 2012)

Em 2011, Fernanda Lira assume o baixo e a voz da nova banda. Paralelamente a guitarrista Karen Ramos fechava o quarteto feminino. Porém, Karen morava em

Curitiba e devido à distância geográfica atrelada a dificuldade de reunir o quarteto para ensaios, decidiu deixar a banda. Assim, Fernanda Terra, Prika Amaral e Fernanda Lira tornaram-se um clássico power trio de *thrash metal*. O trio buscava um nome simples que identificasse claramente o objetivo da banda, Fernanda Terra afirma:

Eu queria um nome em português que desse pra saber que era uma banda de mulher de metal logo de cara. Pensamos em muitas ideias, até que a Prika falou no nome NERVOSA. Confesso que no começo achei que não fosse funcionar, “Headbanger machista usando uma camiseta escrito “Nervosa”. Mas achei legal dividir, e o conceito ser meu e a palavra ser da Prika (TERRA, 2021)

Portanto, Prika Amaral batizou a banda com o nome de Nervosa. “A Nervosa sempre será uma banda só de mulheres, já dei um nome feminino para não ter que fugir disto”. (AMARAL, 2020, p.55).

Em 2012, o trio reuniu suas economias para realizar a gravação de uma *demo* com três músicas e buscavam um produtor musical e um estúdio de gravação, em São Paulo, que dominassem a sonoridade do *thrash metal*. Escolheram o estúdio “Mr. Som” em que Marcelo Pompeu e Heros Trench, integrantes da banda Korzus, são proprietários. Eles foram os responsáveis pela produção musical da *demo* intitulada “Time of Death”. Pompeu sugeriu para que musicalmente a Nervosa seguisse somente com uma guitarra e como power trio, pois para a sonoridade *thrash metal* acelerada buscada pela banda. Com o uso de uma segunda guitarra, o timbre não ficaria muito definido e não encaixava com o perfil que Pompeu, enquanto produtor musical planejava. Todas as músicas da *demo* foram compostas pelo trio, foram “Time Of Death”, “Invisible Oppression” e “Masked Betrayer”.

Antes de lançar a *demo* completa a Nervosa produziu o clipe da música “Masked Betrayer”, cujo a letra foi composta por Fernanda Lira e representa uma proposta identitária de resistência a visão androcêntrica (BOURDIEU, 1998) estimulada pela banda. O clipe foi produzido pela produtora de audiovisual “Metal works” gravado durante o carnaval paulistano de 2012 em algumas vielas e uma casa no bairro da Lapa. Em primeiro de março de 2012 o clipe foi publicado no canal oficial da banda no

Youtube. Com trabalho completamente independente de divulgação, muito empenho e profissionalismo, a Nervosa divulgou na mídia especializada em heavy metal seu videoclipe. Fernanda Lira aproveitou sua inserção no jornalismo para conduzir a divulgação e a presença da banda na internet. Todas as integrantes dividem a função de produção, da negociação de shows às funções administrativas de uma banda.

O videoclipe e a música receberam críticas positivas e negativas, mas ganhou o mundo pela sonoridade e pelo fato de a banda aderir a língua inglesa para compor e cantar suas músicas. A canção *Masked Betrayer* apresenta três musicistas de competência técnica musical, performando um *thrash metal* rápido e pesado. A música chegou “às mãos do Destruction, famoso grupo de *thrash metal* alemão. O vocalista Schmier divulgou o trabalho na web afirmando que ‘o que elas fazem é raro de ver’, elogia o músico” (FARIAS, 2017). O reconhecimento associado a trajetória do *thrash* no Brasil despertou o interesse amplo do mercado fonográfico mundial do metal para a Nervosa.

No mesmo ano a banda assina contrato com a gravadora austríaca e especializada em *heavy metal* a “Napalm Records”, a mesma que lança os discos do Destruction, mas também de outros importantes nomes do metal como Otep, Moonspell e Cavalera Conspiracy – lançando a *demo* “Time of Death” nos formatos CD e Vinil mundialmente. Este contrato trouxe o suporte financeiro para que a própria banda produzisse a prensagem do disco no Brasil. No final de 2012 a Nervosa anuncia oficialmente a saída da baterista Fernanda Terra.

Eu tinha desistido de tocar, estava rolando umas coisas que eu não estava gostando e não tinha como mudar. Não me arrependo em nenhum momento. Eu já sabia que a banda ia fazer sucesso, porque já era um sucesso, todo lugar que a gente tocava o pessoal gostava. Mas eu estava decidida a parar de tocar (TERRA, 2021)

Fernanda Terra foi substituída provisoriamente pela baterista Jully Lee para concluir a turnê em andamento do grupo.

Em 2013, ainda sem uma baterista oficial, a Nervosa chama Marcelo Pompeu para produzir seu primeiro disco e com composições de Prika Amaral e Fernanda Lira, a dupla decidiu chamar Amílcar Christófaró, para gravar as baterias do disco.

A Fernanda Lira e a Prika Amaral estavam naquele momento de banda em que as ideias não param, é muito legal vivenciar este momento, E a Fernanda Lira me perguntou se eu poderia gravar a bateria do disco, para que elas não perdessem o contrato com a gravadora. Eu falei, claro que eu posso! Eu não iria deixa-la na mão [...] eu fui para fazer as coisas darem certo para elas. (CHRISTÓFARO, 2021)

Durante os trabalhos técnicos de mixagem e masterização do primeiro disco Prika Amaral convida a baterista Pitchu Ferraz para a banda. Em 2014, a Nervosa lança o primeiro disco “Victim of Yourself” com a apoio da gravadora Napalm Records, e distribuído no Brasil pelo selo Die Hard Records. Na recepção, a mídia especializada destaca que “as guitarras de Prika Amaral dão um show de riffs aqui (os solos continuam raríssimos), com ótimas levadas que as vezes até nos remetem ao *death metal*” (FRASCÁ, 2014). A música de trabalho escolhida é, “Death”, traz em sua sonoridade essa trilha entre o *thrash* e o *death metal*, com palhetadas ferozes da guitarrista Prika Amaral, Fernanda Lira com baixo brutal e voz gritada. A banda descreve a música da seguinte maneira, na publicação do videoclipe realizada pela gravadora Napalm Records.

A música 'Death' foi escolhida a dedo pelas meninas da banda para ser o single, por ser uma das canções que melhor sintetiza as principais características da música da Nervosa. O foco principal das letras é questionar os motivos que levam à execução de um ser humano e falar sobre os últimos momentos da vida de um condenado. Para combinar com o significado e a agressividade da letra, foi decidido pela banda fazer algo muito sombrio como uma pessoa sendo torturada antes de ser executada e também tomadas da banda tocando em um cemitério, uma vez que além de referir-se à 'morte', que é o título da música, certamente é um lugar visualmente pesado. A ideia do clipe ficou a cargo da própria banda, e o local escolhido para gravá-lo foi um cemitério de leprosos, abandonado desde os anos 1960. (NERVOSA, 2014, tradução nossa)

O álbum é lançado com 12 faixas. Além da música Death, outras músicas também abordam temáticas recorrentes da desigualdade social brasileira. “Victim Of Yourself” aborda corrupção, enquanto que “Wake Up And Fight”, fala sobre a

impunidade política e social. “Twisted Values” trata da violência de uma maneira generalizada e “Morbid Courage” e “Deep misery” abordam a miséria do povo em suas letras.

Após o lançamento do disco a Nervosa realizou alguns shows no Brasil, dividindo o palco com bandas já consolidadas na cena *thrash* e *death metal* mundial, como Destruction e Kreator. Em primeiro de junho de 2014, realiza seu primeiro show internacional, no festival “Bogothrash”, em Bogotá, na Colômbia, seguindo com a primeira turnê sul-americana no Chile e Argentina. A receptividade é constatada pelo público que canta em coro todas as músicas da banda brasileira, levando a Nervosa para uma ascensão internacional.

O reconhecimento também vem em números. Ao longo do ano de 2015 a Nervosa se apresenta em 17 estados brasileiros, sete países da América Latina e faz a primeira turnê na Europa que teve a marca de 51 shows em 60 dias, em 16 países. Nesse trajeto, passaram ainda por importantes festivais de metal europeus como Summer Breeze, na Alemanha, Aggressive Music Fest e Obscene Extreme, na República Tcheca.

No ano seguinte, a Nervosa embarca para a Califórnia, nos Estados Unidos para gravar seu segundo disco. As gravações foram realizadas “*Brendan Duffey Audio* em Davis, Califórnia, partes de vocais, baixo e guitarra, e no The Foundation em Ashland/Oregon a bateria”. (JUNIOR, 2016). O produtor musical foi Brendan Duffey, que já produziu discos de bandas brasileiras como Torture Squad e André Matos. A mixagem e masterização foi realizada pelo alemão Andy Classen, que já trabalhou em discos do Krisiun, Tankard e Rotting Christ. Enquanto Andy Classen trabalhava na lapidação sonora do novo disco, a Nervosa aproveitou a viagem para os Estados Unidos e realizou 32 shows no país, inclusive tocando no navio cruzeiro “70.000 tons of metal”. Ainda realizaram shows no México e Porto Rico.

O disco “Agony” foi lançado em 2016, distribuído no Brasil pela gravadora Shinigami Records, com 12 faixas. A música “Hostages” que fala de dor, negligência e desrespeito, utiliza o hospital, como metáfora para uma crítica social ao descaso em

alguns atendimentos em hospitais públicos brasileiros. A Napalm Records, define este momento sonoro da banda Nervosa.

O power trio mais cruel do Brasil está de volta: Nervosa entrega-se ao thrash metal feminino implacavelmente bruto em seu segundo álbum de estúdio, *Agony*, que mescla quase sem esforço a energia dos gloriosos anos 1+80 com a agressividade refinada deste milênio. Tocado ainda mais pontualmente e preciso do que o debut *Victim of yourself* (2014), definitivamente enriquece o som de Nervosa ao ter transferido a produção para os EUA: o riff tornado sul-americano está em perfeitas condições! Semelhante ao Kreator e Slayer. Realmente são apenas a ponta do iceberg aqui, e o time brasileiro continua a arrastar seus fãs para um redemoinho malicioso cheio de escuridão da velha escola. (NERVOSA, 2016, Tradução nossa)

A Nervosa neste ponto começa a ocupar um espaço de protagonismo na cena *thrash* e *death* metal global. Na primavera europeia de 2016 realizam uma turnê de 40 shows no continente. Surpreendendo contratantes e público, a baterista Pichu Ferraz anuncia a saída da banda durante a turnê, que ainda tinha uma extensão no continente norte-americano. A Nervosa rapidamente convida a canadense Samantha Landa que teve sete dias para aprender todas as músicas e ingressar tanto na turnê nos Estados Unidos e Canadá, como em novas 40 apresentações na Europa. A Nervosa somou um total de 160 shows no ano de 2016.

Pichu é substituída oficialmente por Luana Dametto. “Vi na internet que a Nervosa estava precisando de uma baterista. Em seguida, a Prika me adicionou no Facebook para trocar uma ideia, então, já saquei que iriam me convidar para fazer um teste ou algo do tipo” (DAMETTO, 2018). Após algumas conversas via internet, Luana seguiu para São Paulo para realizar alguns ensaios com Prika e Fernanda Lira. Em janeiro de 2017 a Nervosa oficialmente anuncia Luana Dametto como sua nova baterista.

Luana Dametto, nascida na cidade de Tapejara, no interior do Rio Grande do Sul, começou a estudar bateria com 12 anos de idade. Com 16 anos, em Passo Fundo, também no Rio Grande do Sul, formou sua primeira banda, "Apophizys". A partir deste momento Luana se identifica com a sonoridade do *death metal* e se aprofunda nos estudos das técnicas de bateria deste gênero musical, com característica na execução dos

velozes *blast beat*³ na bateria. Passado o rito de entrada da nova integrante, a Nervosa embarca para uma turnê de 60 shows na Europa, anunciadas como atração principal ao lado do grupo alemão Destruction.

A turnê em questão ainda passou por um contratempo quando Prika Amaral precisa retornar às pressas ao Brasil para estar com sua família na ocasião do falecimento de seu pai. A banda concluiu as datas da Europa acompanhada pela guitarrista holandesa Simone Van Straten. Prika se reencontra com a banda nos Estados Unidos para encerrar a turnê “World in Agony”, com uma série de shows no Brasil, passando por festivais como o Abril Pro Rock, no Recife.

Em um gênero musical predominantemente masculino, a presença de uma banda de *thrash metal* formada integralmente por mulheres e anunciada como atração principal de uma turnê é parte de “um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos” (BUTLER, 2003, p. 18). Essa ação traz uma reação em cadeia, estimulando uma maior participação feminina nos shows e o surgimento de novas bandas. Apesar de ocupar um papel de protagonismo, o ambiente ainda reforçadamente machista do *heavy metal* é repleto de incidentes de tentativa de silenciamento e invisibilidade para a Nervosa. No Chile, enquanto se apresentavam no teatro Teletón em uma noite junto com a banda inglesa Venom, o empresário do grupo britânico ordena o encerramento do show após a segunda música do repertório. “não teve argumento, e o show foi encerrado com a galera pedindo mais. Depois no Camarim o produtor do show nos veio pedir desculpas”. (LINO, 2017). Luana Dametto relata que:

Estava tocando e de repente vi o vocalista Cronos, gritando enfurecido, não entendi nada. Logo após vejo o tour manager dizendo para a Fernanda que deveríamos tocar somente mais uma música, caso contrário iriam desligar o

³ Blast beat é um padrão rítmico, bastante utilizado por musicistas de thrash e death metal. com velocidades entre 160 a 180 BPM e em músicas mais extremas, podendo chegar a 260 BPM. É a técnica aplicada a baquetadas muito rápidas e consecutivas na caixa, alternadas ou simultâneas no chimbau, ou contra tempo. executando, geralmente, dois bumbos entre os tempos, criando uma espécie de metralhadora sonora. Para a teoria musical Blast beats consistem de padrões de colcheias entre o bumbo e a caixa simultaneamente com o chimbau ou o ride.

som. Quando terminamos o show, o baterista do Venom passa por mim com uma cara desconfiada e me pede desculpas. Luana afirma ainda que, você acha que eu viajaria do Brasil para o Chile para tocar somente duas músicas. O contratante pagou o cachê inteiro para nós (DAMETTO, 2021)

A decisão dos integrantes da banda Venom pode ser interpretada como um ato de “violência não declarada, quase invisível por vezes, que as mulheres opõem à violência física ou simbólica exercida sobre elas pelos homens”. (BOURDIEU, 1997, p.47). Mas que neste episódio ficou clara a violência psicológica quando os integrantes da banda Venom não reconhecem o protagonismo feminino da Nervosa e sua apresentação como uma performance profissional.

Em janeiro de 2018 a Nervosa anuncia as gravações do terceiro disco no estúdio “Family Mob”, em São Paulo. A produção musical foi realizada pelo argentino Martin Furia “excelente produtor, testou tudo que queríamos testar e é muito aberto para mudanças e opiniões” (DAMETTO, 2018). Prika Amaral (2019) relata que, devido a um tempo maior de produção a ajudou a atingir “o som de guitarra que eu tanto busquei durante anos e me superei em algumas limitações que tinha”. As gravações contaram com a participação de três músicos de referência no rock nacional: João Gordo, vocalista do Ratos de Porão; Rodrigo Oliveira, baterista do Korzus e Michael Gilbert, guitarrista do Flotsam and Jetsam.

A participação de João Gordo foi na composição letra da música “Cultura do Estupro”.

Foi uma feliz parceria com o João Gordo, dos Ratos de Porão. Ele escreveu a letra e foi preciso e certo. A música transborda indignação e tem o tom feminista necessário para que haja a denúncia. Eu sou feminista, a banda é, e estamos sempre prontas para gritar contra a violência, a injustiça e o feminicídio (LIRA, 2018).

Rodrigo Oliveira e Michael Gilbert participaram, respectivamente, na mesma música, “Selfish Battle”.

A participação do Rodrigo ocorreu quando estávamos compondo a bônus track “Selfish Battle” que é uma música Heavy Metal, e a Luana não se sentia muito confortável em compor um estilo musical do qual ela não é muito fã, e então buscamos o Rodrigo que é um amigo e apoiador da banda desde o começo. O Michael Gilbert é um guitarrista genial e muito amigo nosso,

como era uma música heavy metal, achei legal ter dois solos, um dele e um meu, e ele fez isso maravilhosamente bem. (AMARAL, 2019)

Em junho de 2018 é lançado pela Napalm Records o disco “Downfall of Mankind”, com 14 músicas, distribuído no Brasil pela Shinigami Records. A entrada da baterista Luana Dametto e seus *blast beats* trouxeram uma velocidade ainda maior às músicas, atrelada as palhetadas precisas da guitarrista Prika Amaral e a potência vocal gutural de Fernanda Lira, apresentam uma sonoridade agressiva e pesada. Uma banda já amadurecida musicalmente. Além da música “Cultura do estupro”, “Kill the Silence” também aborda tema da violência contra a mulher, agora estimulando que as mulheres denunciem qualquer tipo de abuso seja psicológico, físico ou sexual, com uma estupenda performance musical da banda. Após o lançamento do disco, a banda segue para mais uma turnê europeia com 30 shows.

Em 19 de julho de 2019 a Nervosa lança um *single* “Freakshow” produzida para a coletânea “Metal Swin 2” da produtora Adult Swim que produz animações adultas para o canal televisivo Cartoon Network. No dia 4 de outubro a Nervosa faz o show de abertura, do palco Sunset, no festival Rock in Rio, na noite dedicada ao *heavy metal*. Tocam para aproximadamente 70 mil pessoas, considerado o maior público da banda até 2021. Vale salientar que a Nervosa foi a única banda formada exclusivamente por mulheres na programação de todo o festival deste ano. A apresentação foi recheada de intervenções políticas de Fernanda Lira, que mesmo diante de uma carreira sólida dentro do *thrash metal*, ainda sofrem críticas machistas de parte do público e da mídia conservadora do *heavy metal*.

No início do ano de 2020 a Nervosa realiza uma turnê de 8 shows na Ásia e 10 shows na Escandinávia, cobrindo territórios ainda inexplorados pela banda. Retornando para as américas, no dia 15 de março fazem show no festival mexicano “Hell and Heaven”, o último realizado como trio. A turnê teve as demais datas canceladas em decorrência da pandemia mundial do vírus da covid-19 e, pouco tempo depois, em 29 de abril, Fernanda Lira e Luana Dametto anunciam suas respectivas saídas da banda.

Prika Amaral publicou um pronunciamento sobre a mudança.

Em meio a textos vagos, laudatórios e de cunho de autoajuda, somente a guitarrista tocou, de leve, nos motivos que levaram às defecções: "as coisas já não vinham bem há algum tempo, não havia mais a mesma chama no palco". Aos desgastes internos somam-se alguns problemas externos que não podem ser ignorados – machismo, oportunismo chauvinismo, preconceito e muita, muita inveja do sucesso que estava chegando. Desde sempre o trio feminino paulista foi alvo de comentários desabonadores, sexistas e de profundo desrespeito, algo que não é incomum no rock mundial e que é arraigado na América Latina. [...]Não dá para saber, ao certo, qual o preço que elas pagaram pelo posicionamento engajado, feminista e de esquerda. Só elas podem revelar o quanto isso influenciou na separação da atual formação. Mas é possível ter uma ideia de como os ataques misóginos, sexistas, políticos e de inveja incomodaram durante todos esses anos. Os textos das três transpiram isso, de forma velada (MOREIRA, 2020)

A separação da banda foi acompanhada de manifestações do público em redes sociais como o Facebook e Twitter, diversas delas ainda incomodadas com o espaço de protagonismo ocupado por uma banda feminina no *thrash metal* mundial. Prika Amaral usou o período de isolamento para audições remotas com musicistas mulheres, tanto brasileiras quanto de outros países. Os critérios de seleção adotados pela guitarrista foram de performance musical, técnica para com o instrumento tocado e disponibilidade para banda. Em maio do mesmo ano Prika Amaral divulga oficialmente em suas redes sociais a nova formação da banda.

Para vocalista Diva Satanica foi a escolhida, atualmente ela é vocalista da banda Bloodhunter, onde já fizeram várias apresentações importantes inclusive ao lado da Nervosa. No baixo temos um nome de peso Mia Wallace, que já tocou com Abbath, Hellhammer, Triumph of Death entre outros. E na bateria a revelação Eleni Nota, baterista com pegada e muita energia, que atualmente toca na banda de metal progressivo Mask of Prospero e na banda Croque Madame. A escolha de sermos um quarteto foi para dar gás na Nervosa e mostrar algo diferente, essa é uma nova fase, uma nova Nervosa, mas ainda com sua essência thrash/death, com riffs, muita palhetada e pegada forte, baterias rápidas e técnicas, um som de baixo novo e mais pesado com vocais agressivos e super thrash. (AMARAL, 2020)

Portanto, a Nervosa se torna um quarteto e somente Prika Amaral é integrante brasileira. A primeira aparição pública presencial, com a nova formação foi em outubro de 2020 na cidade de Málaga, Espanha para a gravação do quarto disco da Nervosa, “Artesonao Casa De Grabacion”. Produzido por Martin Furia e Coproduzido por Prika

Amaral. A banda manteve seu contrato com a gravadora Napalm Records e no dia 22 de janeiro de 2021 lançam o disco “Perpetual Chaos”, com 13 músicas.

É revigorante presenciar uma reconstrução tão radical e perceber o quanto Prika Amaral soube remontar a Nervosa com peças perfeitas. Diva Satânica canta de forma incrível e seu vocal é mais grave e profundo que o de Fernanda, que possui um timbre mais agudo. Mía Wallace encorpa as bases de guitarra e dá sustentação para a bateria de Eleni Nota, que é um caso a parte. A grega é uma instrumentista criativa e extremamente técnica, que agregou muito ao som do Nervosa. Sua presença trouxe uma variedade muito maior de ritmos e batidas, em contraste com o que fazia Luana, que é uma baterista focada mais na velocidade e na violência, mas que não entregava a polirritmia que ouvimos aqui. E Prika Amaral dispensa apresentações, com riffs ferozes, timbres graves (SEELIG, 2021)

Com a liberação das medidas restritivas na Europa no dia 24 de julho de 2021 a Nervosa realiza seu primeiro show com a nova formação, no festival “Louder Fest” na Polônia. Mantendo acesa a voracidade musical da Nervosa ocupando atualmente o título de principal expoente contemporâneo do *thrash* e *death metal* brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Música é um substantivo feminino e cada vez mais as mulheres ocupam os espaços de protagonismo apresentando suas próprias composições musicais, vivências, histórias. E bandas de *heavy metal*. Isto “denota uma variedade de discursos musicais, sociais, práticas e significados culturais, todos os quais giram em torno de conceitos, imagens e experiências de poder” (WALSER, 1993, p. 23). As mulheres incorporaram a gênese do “habitus” (BOURDIEU, 1989) e evocam o poder e a potência feminina no *thrash metal*. Utilizando de toda a linguagem corpórea e sonora deste gênero musical pesado, rápido e agressivo, atrelado a um posicionamento político e social de representação “que busca estender a visibilidade e legitimidade das mulheres como sujeitos políticos” (BUTLER, 2020, p. 18). Inúmeros críticos especializados e músicos homens da cena metal rivalizam suas performances com mulheres, que se desdobram para demonstrarem seu virtuosismo na performance de seus instrumentos. O protagonismo de bandas de *thrash metal* como a Nervosa evoca uma espécie de luta

contra “condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação” (CASTELLS, 1999, p. 24).

Para Bourdieu (1998), a episteme de feminino está atrelada ao diminutivo, as mantendo em uma espécie de “cerco invisível [...] limitando território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo” (BOURDIEU, 1998, p. 39). Desta forma surgem:

Agenciamentos entre a rotulação como uma “banda de qualidade” e um “grupo formado só por mulheres”. O feminino negocia e emerge em meio a um espaço sonoro de intensidade extrema, de alto volume e marcações graves reiterativas, características que não são usualmente associadas às performances femininas no mundo da música, o que não significa que elas não podem ser feminilizadas. (JANOTTI JR, 2014, p. 45).

Diante destes agenciamentos as mulheres disputam o espaço que a “potência do metal emana” (WALSER, 1993, p. 22). Tornando importante biografar a banda Nervosa chamando a atenção dos espaços de ruptura, entrada e tensão de mulheres em um gênero musical tão demarcadamente masculino. Também é trazer uma grande quantidade de nomes de mulheres em diferentes posições feministas.

Com os movimentos feministas, as mulheres viram que tinham também competência para estarem no palco sendo o ídolo de alguém no futuro. Isso a gente faz muito, eu recebo mensagens de muitas meninas que começaram a tocar e se inspiraram pois viram que eu estava lá no palco, muita gente não percebe que pode, até ver um igual fazendo e eu espero que isso melhore no futuro. (DAMETTO, 2021).

Uma das premissas fundamentais do feminismo é baseada na compreensão de domínio masculino e um “reconhecimento das interconexões entre os vários sistemas de domínio, apesar de se concentrarem principalmente no sexismo”. (HOOKS, 2019, p 15). Portanto o feminismo pretende acabar com a opressão sexista, com muito empenho das mulheres. Tornando um sistema ideológico e fundamental na banda Nervosa, pois a banda foi concebida para ser feminista e musicalmente travar uma batalha com uma cena musical “Androcêntrica” (BOURDIEU, 1998) e patriarcal. Mesmo a banda hoje situada como um dos principais nomes do *thrash metal* contemporâneo no Brasil e no mundo, com letras claramente feministas, experiências pessoais das antigas e atuais

integrantes da banda, também são espelho para as provações e provocações que as mulheres enfrentam diariamente nesses espaços.

Diversas vezes os *roadies* chegam querendo ensinar a montar meu próprio equipamento, algo que eu faço a anos. No Rock in Rio, por exemplo, tive um problema com minha bateria, a equipe técnica não cumpriu as informações que estavam no rider técnico, um documento enviado com o mínimo de equipamentos que precisamos para tocar, e a produção não cumpriu nossas solicitações, e queriam que eu tocasse com os tons da bateria em uma posição invertida ao que toco e, utilizar um pedal de bateria que não é adequado ao tipo de som que eu faço. O roadie disse que eu teria que tocar naquelas condições. Tive que chamar o produtor da banda, um homem, para que os equipamentos listados fossem montados. Ou seja, precisou que um homem fosse pedir para ele (DAMETTO, 2021).

Esses relatos apresentam o quanto a cena metal ainda é moralmente conservadora no que tange a “divisão do sexo parece estar nas ordens das coisas” (BOURDIEU, 1997, p. 17). Não é normal um homem duvidar da capacidade profissional de uma mulher. É fundamental, na pesquisa de música e suas congruências com interfaces sociais, antropológicas, tecnológicas, políticas e afins o esforço de reexaminar o registro histórico e identificar vozes, expressões, performances e produções sonoras outrora invisibilizadas pelas próprias condições de produção, circulação e consumo.

Porém, é importante destacar que há uma grande contribuição na cena metal dos “homens: Camaradas na luta” (HOOKS, 2019, p. 65). Homens que estão interessados em uma cena musical mais homogênea, voltados para um espaço democrático e disputado fundamentalmente pelas questões de um “campo” (BOURDIEU, 1989) sonoro pesado. Podemos citar dois exemplos, o primeiro da banda inglesa Motörhead que apadrinhou as então garotas do Girlschool, utilizando seus shows para promover a banda, inclusive gravando um *EP* juntos intitulado “St. Valentine's Day Massacre” lançado em 1981, em que o Motörhead grava composições da banda Girlschool e vice-versa. Até mesmo a banda Nervosa foi apadrinhada digitalmente por Marcel Schirmer, vocalista do Destruction que elogiou a banda em sua conta no Facebook. Posteriormente ambas as bandas dividiram turnês com seus nomes em igual tamanho. Boa parte dos

músicos homens da cena metal incentivam bandas como a Nervosa a seguirem na potência que o metal emana.

A banda Nervosa se apropria completamente de todas as convenções coletivas do *thrash metal* levando em consideração que “thrash é igual a pancada, batida, por causa do modo como os adeptos deste gênero se comportam nos shows” (Leão, 1997, p. 155). Uma pedrada sonora atrelada a letras que emanam conflitos sociais. O feminismo característico da Nervosa é um deles.

A própria tensão patriarcal ainda gerada por uma minoria da crítica especializada, levou a Nervosa a um impasse em plena pandemia da Covid-19 no ano de 2020, que foi a separação das integrantes, no auge da banda. Fernanda Lira e Luana Dametto saíram e formaram em seguida outra banda integralmente composta por mulheres, a *Crypta Death*, junto com as guitarristas Tainá Bergamaschi e Sonia Anubis. Prika Amaral, continua seu trabalho com a Nervosa, agora um quarteto, em que ela é a única integrante brasileira.

Essa cartografia de musicistas mulheres, como demonstrado ao longo deste artigo, apresenta que a entrada, permanência e sucesso da Nervosa no *thrash metal* não se dá pela submissão de códigos de masculinidade, mas pela inserção de um papel do feminino no gênero, inclusive nas letras, abordagens e posturas no palco.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jéssica. **Prika Amaral**, A guitarrista líder do Fenômeno Nervosa. Roadie Metal, 2020. Disponível em: <https://roadie-metal.com/girls-on-front-prika-amaral-a-guitarrista-lider-do-fenomeno-nervosa/>. Acessado em: 10 de jun. 2021.

ANDRADE, Geraldo. **Prika Amaral**, guitarrista do power trio feminino de maior sucesso do mundo, NERVOSA! Freak, 2019. Disponível em: <https://revistafreak.com/entrevista-prika-amaral-guitarrista-do-power-trio-feminino-de-thrash-metal-de-maior-sucesso-no-mundo-nervosa/>. Acessado em :19 de mar. 2021.

ANUBIS, Marcos. **Volkana**, a volta de uma das lendas do Heavy Metal brasileiro. Cwb Live, 2017. Disponível em: <https://cwblive.com/volkana-a-volta-de-uma-das-lendas-do-heavy-metal-brasileiro/>. Acessado em 10 de jul. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

BLACKING, John. Música, Cultura e experiência. In **Cadernos de campo**, Ano 16, Volume 16, Número 16, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

CHRISTÓFARO, Amílcar. Entrevista concedida a Danilo Paiva Lucio. Pernambuco, 8 out 2021.

CHRISTIE, Ian. **Heavy Metal: A história completa**. São Paulo: Ed. Benvirá, 2010.

DAMETTO, Luana. Entrevista concedida a Danilo Paiva Lucio. Pernambuco, 8 jul. 2021.

FARIAS, Adriana. **Nervosa: banda feminina de metal conquista espaço no exterior**. Veja São Paulo, 2017. Disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/damas-thrash-metal-banda-nervosa/>> Acesso em 13 mar 2021.

FON, Pei. **Nervosa**. Rock Meeting, Alagoas, n. 128, pág.56 - 63, Mai 2020. Disponível em <<https://issuu.com/rockmeeting/docs/rockmeeting128>> Acesso em 10 ago. 2020.

FRASCÁ, Junior. **Nervosa: Debut mostra a qualidade do trio de garotas thrashers**. Whiplash, 2014. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/cds/200570-nervosa.html>. Acesso em 04 jul. 2021.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista, Da Margem Ao Centro**. 1ª edição, São Paulo, Perspectiva, 2019

JANOTTI JR, Jeder. Entrevista – Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação. In **E-Compós**, Ano 9, Volume 15, Número 2, 2012.

JUNIOR, Fernando. **Nervosa – Agony 12 Faixas - Shinigami Records – 2016**. Rock Onstage, 2016. Disponível em: < <https://www.rockonstage.org/resenhas/cds/nervosa-agony.htm>> Acesso em 04 jul. 2021.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal: Guitarras em fúria**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

MOREIRA, Marcelo. **Nervosa abraça o death metal e soa cada vez mais furiosa**. Uol Combate Rock, 2018. Disponível em: <

<https://combaterock.blogosfera.uol.com.br/2018/06/13/nervosa-abraca-o-death-metal-e-soa-cada-vez-mais-furiosa/>> Acesso em 15 jun. 2021.

MONTEIRO, Guilherme Lentz da Silveira. **O pecado é não sonhar:** reconstruções da rebeldia jovem através do heavy metal brasileiro da década de 1980. 2015. 258 f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós Graduação em estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RECORDS, Napalm. **Nervosa** - Death (Official Video) | Napalm Records, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BH7oNQ2SYs8>. Acesso em 30 jun. 2021.

RECORDS, Napalm. **Nervosa** - Hostages (Official Video) | Napalm Records, 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5ZmLccs3NSM> > Acesso em 30 jun. 2021.

Sem autor. **Nervosa:** Entrevista com Fernanda Lira. Tudo sobre rock, 2012. Disponível em: <<http://tudosobrerockjhenypher.blogspot.com/2012/03/banda-nervosa-e-entrevistada-com.html>> Acesso em 12 jul. 2021.

SILVA, Felipe. **“You Really Got Me”** – A pérola Proto Punk/Hard Rock do The Kinks. Entre Acordes, 2020. Disponível em: < <https://entreacordes.blog/2020/07/16/really-got-me-a-perola-protopunk-heavy-metal-do-the-kinks/> > Acesso em 20 jul. 2021

TERRA, Fernanda. **Release.** 2020. Disponível em: <http://fernandaterra.com.br/release/>. Acesso em 01 jul. 2021.

TERRA, Fernanda. Entrevista concedida a Danilo Paiva Lucio, Pernambuco, 24 set 2021.

Recebido em 31 de julho de 2021.

Aprovado em 04 de novembro de 2021.